

ETNOGRAFIA (SUB)URBANA: ENTRE "TUCOS", "BOCHAS" E FEITORES FERROVIÁRIOS

Guillermo Stefano Rosa Gómez¹; Marcelo Henrique Gröes²; Claudia Turra Magni³

¹Universidade Federal de Pelotas – guillermorosagomez@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – marcelogroes@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – clauturra@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Integrada ao processo de construção do Memorial da Estação Férrea de Pelotas, coordenado pelo LEPPAIS – Laboratório de Ensino Pesquisa e Produção em Antropologia da Imagem e do Som da UFPel – em conjunto com a Secretaria Municipal de Cultura, a pesquisa tem como tema o Trabalho Ferroviário e as narrativas sobre seus procedimentos, comportamentos e relações hierárquicas, atentando também para o processo de *destruição criadora* (DUBAR, 2009), uma consequência da modernização sobre a profissão.

As narrativas de oito ferroviários aposentados e moradores do Bairro Simões Lopes, escolhidos aleatoriamente, foram organizadas, sob o ponto de vista do trabalho. Desse modo, interessou as maneiras que os atores de grupos profissionais diversos e em diferentes posições da hierarquia, apresentaram suas memórias sobre um mesmo “fenômeno urbano”: a figura do trem, do trabalho e da identidade de ferroviário, da privatização da rede ferroviária, da perda do emprego para muitos, da degradação da Estação Férrea, assim como de sua recente restauração, entre outras questões. Outras interações foram realizadas, de menor duração, com ferroviários, familiares, moradores e transeuntes do bairro.

A abordagem teórica é calcada, fundamentalmente, na Antropologia Urbana. Fez-se uma análise “de perto e de dentro” (MAGNANI, 2002) que buscou entender a cidade como espaço de *troca*, dos mais variados tipos e escalas, possibilitada pela pluralidade e complexidade do cenário citadino. Por tal, foi preponderante o enfoque na interação e sociabilidade dos atores no meio urbano.

Outro aporte se localiza na diferenciação enunciada por Durham (2004), entre a antropologia DA cidade, que propõe apropriar-se da cidade como *objeto*, e da antropologia NA cidade, na qual esta é *cenário* da pesquisa. O trabalho tenta perceber a cidade tanto como um objeto, com suas particularidades, quanto como *locus*, onde as relações e tramas sociais se desenrolam. A análise das memórias, por meio de narrativas, é realizada com o auxílio de Ricoeur (1998), possibilitando pensar suas conexões com a arquitetura da estação férrea, dos chalés dos ferroviários, do clube e de outros equipamentos urbanos do bairro. Conexões com obras literárias, como *As cidades invisíveis*, de Calvino (2003), a *Paris monstro* em *Ferragus* (BALZAC, 2013) ou das *fantasmagorias* em Walter Benjamin (1997), possibilitaram analogias e reflexões teóricas e metodológicas.

2. METODOLOGIA

Motivado pela poesia de Charles Baudelaire, Walter Benjamin analisa e apresenta uma figura, produto das fantasmagorias da cidade. O *flâneur* é aquele que vaga pelas ruas como um “colecionador de sensações” (BOLLE, 2000 p.71), no contexto da metrópole francesa narrada por Baudelaire. Em meio à massa

disforme da *multidão*, perambula essa figura ambígua de “sonhador e produtor de imagens” (BOLLE, 2000 p.67), o sujeito que flana pelas ruas, adivinhando fisionomias, analisando pistas, como um investigador (ROUANET, 1993), que se apropria do anonimato da grande cidade.

Duas perspectivas metodológicas, que se fundamentam nesta “poética do andarilho” (ROCHA e ECKERT, 2013 p.24) devem ser mencionadas para compreender o método de pesquisa empregado. A primeira, é a *observação flutuante*, inaugurada por Colette Petonnet (2008), que visa compreender a dinâmica e a complexidade do modo de vida urbano. Nela, o pesquisador deve “permanecer vago e disponível em toda a circunstância”, pois a técnica consiste em “não mobilizar a atenção sobre um objeto preciso, mas em deixá-la “flutuar”” (PETONNET, 2008 p.102). Permanecer *disponível* em campo permite captar as nuances, os imprevistos, os caminhos alternativos da vida urbana. Consiste em seguir pistas, identificar informantes, como um “detetive da cidade” (ROUANET, 2008 p.22).

A segunda perspectiva, é a de *Etnografia de Rua*, proposta por Rocha e Eckert (2013a). Tem como intuito captar a urbe e seus “processos dinâmicos e fugazes” (p.24), a partir do ato de *caminhar pela cidade*, uma combinação entre imprevisto, casualidade e registro sistemático da vida social em cenários urbanos, como ruas ou bairros. A *Etnografia de Rua* permite traçar um perfil de um determinado grupo urbano, aos poucos, através de “colagens de seus fragmentos de interação” (ROCHA & ECKERT, 2013^a, p.25) e procura absorver a cotidianidade, valorizando o contato profundo do Eu com o Outro. O diário de campo, como ferramenta metodológica, tem como objetivo registrar os fenômenos culturais observados e “permite exercitar a habilidade de lhes dar vida novamente, agora na forma escrita, com base em uma estrutura narrativa” (ROCHA & ECKERT, 2013b, p.62).

Tendo essas perspectivas em mente, realizamos caminhadas pelo Bairro Simões Lopes, escolhendo diferentes ruas e caminhos a cada nova ida a campo. Abordando moradores para pedir informações, estando atentos aos acontecimentos do entorno e aproveitando as situações inesperadas, seguimos pistas dadas pelos transeuntes, que indicavam, pontos de referência, faziam menções a pessoas ou circunstâncias. O foco da conversa era sempre os ferroviários ou a estação férrea e seu processo de ressignificação, com a atual reforma, mas essa abordagem também nos permitiu ter acesso a uma gama variada de sujeitos e suas “micro-histórias”, que ajudaram a compor o cenário da pesquisa. Após a identificação dos interlocutores, seguindo pistas dos moradores, estabelecemos contato inicial e passamos a visitá-los, semanalmente, ao longo de três meses. A principal técnica de aproximação era uma combinação de diálogos informais com a entrevista semi-estruturada. Já para o registro das informações, subjetivas e objetivas, foi utilizado o diário de campo, que combinou anotações, desenhos, fotos, mapas e a expressão dos sentimentos do pesquisador.

De forma complementar, foi ainda realizada uma reunião aberta sobre o “Memorial da Estação Férrea” que agregou a comunidade, representantes da SECULT e da Universidade. Também participamos, junto com uma equipe maior, de um plantão de coleta de depoimentos, durante a semana da cidade (1º a 7 de julho). Neste, houve registro em vídeo de cerca de vinte depoimentos, de ferroviários, familiares, moradores do bairro Simões Lopes e de outras localidades. A equipe ainda recebeu contribuições documentais (fotos, vídeos, livros, manuais) pertencentes a sujeitos que vivenciaram a estação férrea, o trem e o vagão de passageiros, em algum momento de suas vidas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As narrativas que fornecem a base para as discussões da pesquisa são entendidas como um processo de contar que traz à tona o passado, através de uma contração no tecido do tempo. Uma relação que une o tempo cronológico e o tempo psicológico (RICOEUR, 1998), e os reorganiza, na busca de uma narrativa coerente.

A tentativa é de organizar as diversas narrativas colhidas, sob o ponto de vista do trabalho e compreender de que maneira os atores, de diferentes grupos profissionais e posições da hierarquia, apresentam memórias diversas (e, às vezes, conflitivas e/ou contraditórias) sobre um mesmo “fenômeno urbano”, isto é, a figura do trem, da estação férrea, da privatização da rede ferroviária, da aposentadoria ou perda de emprego, entre outros acontecimentos.

Mais especificamente, analisamos, neste recorte, categorias *êmicas* evidenciadas em seus discursos, como *turma*, explorando seu caráter polissêmico de união, grupo de pessoas e de trabalhadores da “via permanente”, responsáveis por manter os trilhos, verificar irregularidades, trocar dormentes e realizar a ronda. A *ronda*, por sua vez, é uma atividade característica do trabalho de *turma*, que consistia em revisar um percurso da linha férrea. O “*rondante*”, percorria a linha, caminhando, com tempo controlado, carregando suas ferramentas por cerca de 12 km; ao fim do percurso, deixava sua “marca” para confirmar o trabalho completo. A *ronda* não é mais realizada assim, ainda que apareça nas narrativas como memória, uma “ausência tornada presente” (RICOEUR, 1998) evocando uma comparação entre passado e presente.

Sobre as mudanças no trabalho e confronto, por meio das memórias, entre os “tempos heróicos” e os tempos atuais, quando “qualquer um é maquinista” e não é preciso saber “dominar o trem” nem “conhecer a linha” para trabalhar, abordamos as mudanças nas formas de comunicação, no “sistema” de controle e conseqüentemente, na redução/extinção de acidentes e de algumas profissões, como o auxiliar de maquinista e o chefe de estação. Os apelidos – formas de identificação recorrente nas falas dos sujeitos pesquisados – foram organizados em três possibilidades explicativas: apelidos pessoais, apelidos de trabalho e apelidos de flexibilização de posição social hierárquica (DAMATTA, 1997). Organizamos também, uma análise do lazer por meio de uma série de “pontos-chave”: o futebol, o Clube Ferroviário e as férias, visando existência de um *ethos ferroviário*, que transcende o mundo do trabalho. Moradores do bairro Simões Lopes, os interlocutores-personagens mais salientes foram *Chagas*, o viajante colecionador de paisagens; *Mazarope*, o herói do trabalho de *turma* e da resolução dos acidentes; *Luís Carlos*, o construtor admirador das pontes; *Pisca*, e suas relações com a morte; *Cardoso*, o ídolo do futebol que foi fundamental para entender os apelidos e a ronda, além de figuras recorrentes nas narrativas como a do “Feitor” e do “Vilão”¹.

4. CONCLUSÕES

A pesquisa descreve, a partir de narrativas e memórias, um cenário cotidiano, de uso do espaço urbano, uma malha de redes de sociabilidade que entrelaçam o trabalho e o lazer. Seguindo as pistas dadas pelos interlocutores, foi possível organizar uma trama, para entender a *turma*, a *ronda* e os *apelidos*.

¹ Muitas narrativas incluíram menções ao feitor como “carrasco” e também convergiram para a eleição de um “vilão” para a trama, anunciado como “anti-social”, “pior que um ditador”, ‘pessoa difícil’, entre outras designações que variavam conforme o narrador e sua relação com essa figura.

Compondo a trama surgem piadas, causos, viagens, paisagens “que tu não acreditas”, linhas que flutuam sobre a água, “verdadeiras obras de arte”, relatos heroicos dos “tempos no mato” no quais o trabalhador era caçador e pescador, dos grandes acidentes e dos igualmente grandes churrascos que aconteciam depois de intensa labuta. Além disso, contribuiu para o contato com a comunidade ferroviária e possibilitou o diálogo entre academia e poder público para o processo de construção coletiva do Memorial da Estação Férrea. Diferenciadamente das concepções de museus que expõem artigos “intocáveis”, a construção do Memorial tem como proposição central envolver os ferroviários e suas famílias, pesquisadores e população urbana em um processo criativo compartilhado de “transformar a memória”.

Retomando as discussões sobre temporalidade e cidade que a pesquisa propõe, aproximamos duas das cidades invisíveis de Calvino (2007). Em *Maurília*, “o viajante é convidado a viajar no tempo”, comparar os cartões postais da cidade provinciana com a atual metrópole. Em *Fedora*, existe um grande palácio-museu onde estão expostas, uma em cada cômodo, esferas de vidro contendo, cada uma, outra *Fedora*, a cidade ideal de alguma época. O viajante observa as esferas e escolhe a que mais lhe apraz. Estas duas cidades nos ensinam algo? Pensamos que o autor, em suas descrições, verossímeis ou metafóricas, contribui para pensarmos a nossa cidade hoje. Quais suas possibilidades e fragilidades? Deslocar as experiências do passado, cultivar a memória, o patrimônio, como em *Maurília*? Ou conceber futuros e projetos como em *Fedora*?

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUGÉ, M. **Não Lugares: Introdução a uma Antropologia da Supermodernidade**. São Paulo: Papirus, 2012.
- BALZAC, Honoré. **Ferragus**. Porto Alegre: L&PM, 2006
- BENJAMIN, W. Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo. Sobre alguns temas em Baudelaire. **Obras escolhidas**. Vol. III. SP: Brasiliense, 1997.
- BOLLE, Willi. Walter Benjamin. Fisiognomista da metrópole moderna. In: **Fisiognomia da Metrópole Moderna: representações da história em Walter Benjamin**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000. [1ª ed. 1994].
- CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- DUBAR, C. **A crise das identidades: interpretação de uma mutação**. São Paulo: EDUSP, 2009.
- DAMATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. **De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana**. Revista Brasileira de Ciências Sociais. São Paulo, ANPOCS/Edusc, vol. 17, nº 49, pp. 11-29, 2002
- PETONNET, Colette. **A observação flutuante: o exemplo de um cemitério parisiense**. Antropolítica. Nº. 25, p.99-111. Niterói, 2008.
- RICOEUR, Paul. Arquitetura e Narratividade. In: **Urbanisme**. Nº 303, Nov/dez. 1998.
- ROCHA, Ana Luiza Carvalho da & ECKERT, Cornelia. **Etnografia de rua: estudos de antropologia urbana**. Porto Alegre: UFRGS, 2013a.
- ROCHA, Ana Luiza Carvalho da & ECKERT, Cornelia. **Antropologia da e na cidade, interpretações sobre as formas da vida urbana**. Porto Alegre: Marcavisual, 2013b.
- ROUANET, Sergio Paulo. **A Razão Nômade. Walter Benjamin e Outros viajantes. Parte 1 – Viajando com Walter Benjamin**. Rio de Janeiro: UFRJ: 1993.